Prefácio

A religião é a primeira necessidade do homem: conhecê-la é seu primeiro dever.

Ser de um dia..., ontem eu não existia; amanhã já não serei... Quem sou eu?... De onde venho?... Para onde vou?... No rápido trajeto do berço ao túmulo, que devo fazer?...

Questões fundamentais, sempre antigas e sempre novas. Para todo homem que vem a este mundo, não são apenas as primeiras a resolver; são também as mais importantes. Não procurar a resposta, estupidez; não a achar, indizível tortura.

A quem pedi-la? Ninguém pode dá-la, a não ser aquele que, tendo criado o homem, conhece os mistérios da vida e os mistérios da morte. Ele respondeu pela religião. Daí vem que, entre todos os povos, desde a origem do mundo, a religião é a primeira coisa ensinada à criança.

Infelizmente, não é raro encontrar hoje, em todas as condições, pessoas para as quais esse ensino foi muito incompleto.

Muitos sentem o desejo de se instruir e têm boa vontade, mas lhes falta o tempo, e os livros grossos os assustam.

Outros têm tempo e boa vontade, mas não sabem como estudar.

Enfim, grande número de pais e mestres cristãos, de capelães de colégios de rapazes e de moças, de zelosos confessores, exprimem o pesar de não saberem que leitura aconselhar àqueles cuja instrução religiosa lhes é confiada. O simples Catecismo parece insuficiente; as demonstrações evangélicas, as apologias filosóficas e outros livros, aliás excelentes, ou não seriam lidos ou não seriam compreendidos.

Colocar um elo entre o Catecismo e as obras eruditas destinadas aos homens de ócio; dar, em poucas páginas, um plano geral da religião que, expondo-a historicamente, faça ressaltar-lhe os principais pontos e coordene todas as suas partes, de modo a tornar o estudo não só seguro, mas fácil e proveitoso para todos: tal é o objeto desta Introdução.

Extraída de uma grande obra[1] cuja economia encerra, conduz ao conhecimento aprofundado da religião em seu magnífico conjunto, isto é, desde a origem do mundo até os nossos dias, em sua história, em seu dogma, em sua moral, em seu culto, em sua letra e em seu espírito, em suas relações com o homem e com as sociedades, com as ciências e com a humanidade inteira, aquém e além do túmulo.

Há duas classes de pessoas a quem desejamos sobretudo oferecer este modesto trabalho.

A vós primeiro, jovens, nossos amigos e nossos irmãos, esperança do futuro. Como nós, tristes filhos de um século de dúvida e de angústia, procurais penosamente a verdade, esse bem da alma para o qual fostes feitos. Ai!, e apresentaram-se sofistas que vos ofereceram, por alimento, ou abstrações ininteligíveis, ou sistemas sem conclusão, ou utopias perigosas. O que eles não puderam, o que jamais poderão dar-vos, tentamos oferecer-vos.

Sob um título modesto esconde-se aqui a mais interessante história que jamais encantou vossos lazeres, a mais bela filosofia que jamais estudastes e, ousamos dizê-lo, a mais alta epopeia cuja leitura jamais fez palpitar vosso coração.

Nas gerações mais avançadas no caminho da vida, encontram-se muitos homens que só vagamente ouviram falar do cristianismo e cuja ciência religiosa inteira se reduz a ideias flutuantes e a noções incompletas. Alguns, mais infelizes ainda, quase só conhecem a religião pelas calúnias e pelos preconceitos, triste herança dos últimos séculos ou fruto amargo de sua educação literária e científica. Todavia, a necessidade de crer e de amar faz-se sentir imperiosamente à sua alma.

Como aqueles romanos de outrora[2], na prosperidade contentam-se em voltar os olhos para o Capitólio; mas, quando a adversidade vem sentar-se no limiar de suas casas, apressam-se a erguer os olhares entristecidos para o Céu: nesse momento são cristãos. Infelizmente, não estando o seu cristianismo estabelecido sobre a base de uma fé profunda, fruto da graça e de uma instrução sólida, seus belos sentimentos se esvanecem com seus temores ou suas dores.

De todos esses homens, que formam o grosso de nossa época, qual é a maior necessidade, senão uma completa exposição da fé? Procuramos oferecê-la a eles[3].

A felicidade eterna dessas almas, resgatadas como nós pelo sangue divino, não é o único objeto de nossos desejos; não perdemos de vista o interesse da sociedade. Magistrados, legisladores, chefes de família e de oficina, administradores, condutores de povos, os homens de quem falamos são tudo isso. Mas como conduzir os outros em seu caminho providencial, se não se está em condições de responder, a si mesmo, a estas questões fundamentais para toda sociedade, para toda nação posta sobre a terra: Quem sou eu? De onde venho? Para onde vou? Quais são os meus deveres?

Assim como a religião dá a solução a todo indivíduo que a interroga, só ela pode dá-la a cada nação e a cada sociedade. Querer dirigir um povo, uma associação, uma família sem conhecer a resposta a esses problemas e sem tomá-la por bússola é ser um cego que leva outros cegos ao abismo, pelo caminho da desordem, das calamidades e das catástrofes.

A vós, pois, esta obra, homens, quem quer que sejais, que não sabeis que remédio trazer ao mal cuja violência agita e devora o mundo sob os vossos olhos, a despeito dos esforços de vossa sabedoria; que vós mesmos errais sem estrela e sem bússola no mar encapelado da vida, ignorando de onde viestes, quem sois, para onde ides, e cujo coração, teatro permanente de lutas inexplicáveis, é com demasiada frequência vítima de cruéis desenganos e, por vezes, de inconsoláveis dores.

Silêncio um instante! Poderíeis recusar-vos a nos ouvir? Vamos falar-vos de Deus e de vós.

Notas

[1] O Catecismo de perseverança, 8 vol. in-8°.

[2] Tertuliano, Apol., c. XVII.

[3] Encontra-se no grande Catecismo de perseverança; o esboço geral do cristianismo que damos aqui é simples preparação para o estudo dessa obra.

Revision #1
Created 28 November 2026 17:10:59 by Admin
Updated 28 November 2026 17:10:59 by Admin